

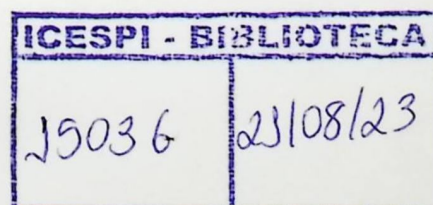
INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

DAVI CARDOSO BORGES

**O SUJEITO COMO PARTÍCIPE DA OBRA DE ARTE, SEGUNDO
ARTHUR SCHOPENHAUER**

TERESINA-PI

2019



DAVI CARDOSO BORGES

**O SUJEITO COMO PARTÍCIPE DA OBRA DE ARTE, SEGUNDO
ARTHUR SCHOPENHAUER**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Filosofia do Instituto Católico de
Estudos Superiores do Piauí para obtenção do
título de Licenciado em Filosofia sob a orientação
do Prof. Dr. Luizir de Oliveira.

TERESINA-PI

2019

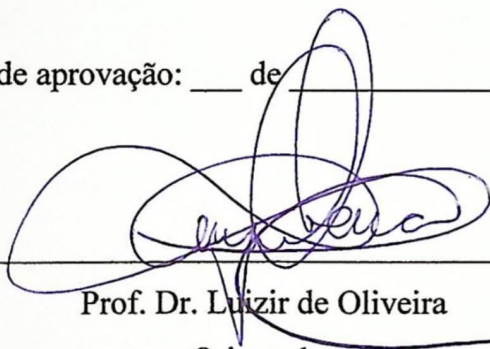
DAVI CARDOSO BORGES

**O SUJEITO COMO PARTÍCIPE DA OBRA DE ARTE, SEGUNDO
ARTHUR SCHOPENHAUER**

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Licenciatura em Filosofia

Data de aprovação: ____ de ____ de 2019



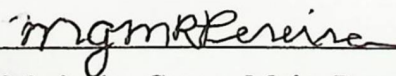
Prof. Dr. Luizir de Oliveira

Orientador



Dr. José Elielton de Sousa

Primeiro Examinador



Prof.ª Ma. Maria das Graças Moita Raposo Pereira

Segunda Examinadora

DEDICATÓRIA

A Nosso Senhor Jesus Cristo e à
Santíssima Virgem Maria que é a obra prima
das mãos de Deus, a quem pertence qualquer
mérito que venha a ter minha baixeza.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor de toda genialidade artística;
À Virgem Maria minha Mãe;
À minha família, em especial aos meus pais Gonçalo Borges Sobrinho e Francilene
Rodrigues Cardoso Borges;
À minha irmã Monyse Cardoso Borges;
À Diocese de Parnaíba-PI, em especial aos Amigos Benfeitores do Seminário;
À V. Exma Rev.ma Dom Juarez;
À V. Exma Rev.ma Dom Alfredo;
Ao Pe. Eduardo Furtado e Pe. Evandro Alves;
Aos formadores do Seminário, na pessoa do estimado Rev.mo Pe. Antônio Soares;
Ao meu querido orientador Dr. Luizir de Oliveira;
Aos Professores que me ensinaram a gostar de filosofia, em especial a Ir. Santinha e o
Pe. Possidônio Júnior;
A todos os irmãos Seminaristas, em especial aqueles que me ajudaram diretamente e
os de minha Diocese;
A todos os amigos e amigas que me incentivam e que rezam por mim, na pessoa de
Maria Helena de Oliveira Ribeiro e Maria Luiza Gomes Moreira;
A Comunidade Católica Face de Cristo;
A mim mesmo por me ter suportado;
E a uma antiga amizade que inspirou o motivo desta pesquisa.

“A arte é uma flor nascida no caminho de nossa vida,
e que se desenvolve para suavizá-la.”

Arthur Schopenhauer

RESUMO

Este trabalho consiste numa abordagem sobre o sujeito como partícipe da obra de arte, segundo o pensamento do filósofo Arthur de Schopenhauer, como se encontra manifesto particularmente no Livro III de sua obra *O mundo como vontade e como representação*. A questão a que nos voltamos é uma tentativa de compreender essa participação do sujeito na obra de arte. Para tanto, faz-se necessário apresentar os conceitos de vontade e de representação. A chave para tal entendimento se dá mediante a apreensão do corpo, pois nele encontram-se ambas as realidades ao mesmo tempo. Desse modo, podemos compreender também como se dá o processo de suspensão momentânea de individuação, na filosofia schopenhaueriana, uma vez que, por meio da contemplação estética, o indivíduo destitui-se de sua individualidade para assumir o modo de ser sujeito puro do conhecimento, destituído de toda vontade, entrando em contato com as Ideias expressas pelo artista na obra de arte, e que lhe permitem alcançar um quietivo momentâneo da vontade e, assim, suspender o sofrimento. Em nossa pesquisa buscou-se entender como o sujeito aliviado em tal estado momentâneo de elevação pode chegar a alcançar na Ideia que é o essencial da contemplação, ou seja, o pleno equilíbrio com o objeto (a obra de arte) intuído, encontrando então o que se chama aqui de participação na obra de arte.

PALAVRAS-CHAVE: Schopenhauer. Sujeito. Contemplação. Obra de arte.

RESUMÉ

Ce travail compose en une approche du sujet tant que participant à l'oeuvre d'art, selon le philosophe Arthur de Schopenhauer, comme cela est particulièrement évident dans Le livre III de son ouvrage Le monde en tant que volonté et en tant que représentation. La question à laquelle nous tournons est une tentative de comprendre la participation de ce sujet à l'oeuvre d'art. Par conséquent, Il est nécessaire de présenter les concepts de volonté et de représentation. La clé d'une telle compréhension passe par l'appréhension du corps, car les deux réalités se rencontrent en même temps. De cette manière, on peut aussi comprendre comment se déroule le processus de suspension momentanée de l'individuation dans la philosophie schopenhauerienne, car, à travers la contemplation esthétique, l'individu se prive de son individualité pour assumer le mode d'être d'un pur sujet de connaissance. Dépourvu de toute volonté, entrant en contact avec les idées exprimées par l'artiste dans l'oeuvre d'art, qui lui permettent de réaliser un calme momentané de la volonté et ainsi de suspendre la souffrance. Dans notre recherche, nous avons cherché à comprendre comment l'esprit ou l'âme peut atteindre un état d'élévation momentanée peu atteignable dans l'idée qui est l'essentiel de la contemplation, c'est-à-dire l'équilibre complet avec l'objet intuitif (l'oeuvre d'art), entrant ainsi dans ce qu'on appelle la participation à l'oeuvre d'art.

MOTS-CLÉS: Schopenhauer. Sujet. La contemplation. Oeuvre d'art.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A VISÃO DE MUNDO E O CONCEITO DE CORPO EM SCHOPENHAUER....	15
2.1 O mundo como Representação segundo Schopenhauer.....	18
2.2 O mundo e o corpo como Vontade na metafísica de Schopenhauer	22
3 A CONTEMPLAÇÃO NA VISÃO DE SCHOPENHAUER	26
3.1 A beleza e a sublimidade como modo para se chegar ao estado contemplativo .	27
3.2 O estado de contemplação	29
4 OS SUJEITOS QUE CONSEGUEM OU NÃO ATINGIR A CONTEMPLAÇÃO.	32
4.1 O Gênio enquanto sujeito contemplativo	33
4.2 O homem comum como sujeito incapaz de contemplar	36
4.3 A obra de arte como fruto da contemplação do sujeito.....	39
4.4 A participação do Sujeito na obra de Arte	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

O filósofo Arthur Schopenhauer nasceu em 22 de fevereiro de 1788, na cidade de Dantzig, na Prússia. Era filho do comerciante Heinrich Floris Schopenhauer e da conhecida romancista Johanna Schopenhauer. Após viajar com o pai pela Europa, não correspondeu às expectativas da família em tornar-se comerciante, mas com a morte do pai (possivelmente suicídio) ele pôde dedicar-se à vida acadêmica, como era de seu desejo. Assim, dedicando-se aos estudos humanísticos, ingressou no Liceu de Weimar; depois, em 1811, na Universidade de Berlim, assistiu cursos de pensadores como Fichte e Schleiermacher. Assim, no ano de 1813 doutorou-se pela Universidade de Berlim com a tese “Sobre a Quádrupla Raiz do Princípio de Razão Suficiente”.

O pensamento estético, também podendo ser chamado de metafísica do belo, de Schopenhauer, está mais claramente especificado na obra *O Mundo como Vontade e como Representação*, em seu livro III onde trata “Do mundo como representação”, em segunda consideração, “A representação independente do princípio de razão: a Ideia platônica: o objeto da arte”. Entretanto faz-se necessário, para que se compreenda o que o pensador chama de *Vontade* e o que significa para ele a *Representação*, voltarmos ao livro I da mesma obra, pois tendo apreendido tais conceitos, poder-se-á seguir com maior clareza à reflexão que a problemática desta pesquisa quer proporcionar.

A *Vontade* deve ser entendida como essência (coisa-em-si), uma força cega, irracional e eterna, a qual tudo permeia algo insaciável e em contínuo processo de expansão e que, por ser essência como mencionado acima, é a palavra-chave para a visão do próprio sujeito sobre si e mesmo e daquilo que o cerca.

A figura de Arthur Schopenhauer, tantas vezes malquista por ser tido como um “pessimista frustrado”, atravessa os anos não como um filósofo fracassado, como dizem os seus críticos opositores, mas atravessa como um pensador adiante de seu tempo. Isto se deve à atemporalidade de seus pensamentos, refletindo, sem maquiagens, os fatos hodiernos ao ser humano, tanto em seus anos de vida, como nos dias atuais, pois sua filosofia influenciou muitos outros grandes pensadores e literatos, como Nietzsche, e também foi usado na psicanálise freudiana.

Nosso enfoque volta-se principalmente para sua visão estética da realidade. Isto se deve a uma aproximação empiricamente experimentada, e que aqui, esperamos, tornar-se uma investigação academicamente sustentada e baseada na interação entre o pesquisador e a produção artística, ressaltando-se o modo de agir das pessoas no cotidiano para com o objeto

da arte, e como a teoria de Schopenhauer pode nos auxiliar a compreender, de um modo mais cuidadoso, aquilo que apreendemos dessa observação para a compreensão de tais fatos.

A reflexão aqui proposta tem uma relevância também social, pois se volta não somente para o lado teórico acadêmico, mas também para o homem contemporâneo e como esse pode tornar-se partícipe da obra de arte, em um contato com ela, seja consumindo-a, seja deixando passar por despercebida, ou ainda, podendo tratar-se de um artista de “gênio”, e multiplica dando origem aos produtos da arte no meio social em que está inserido, afinal, a arte inegavelmente faz parte da experiência do nosso cotidiano.

Este trabalho procura oferecer um convite à reflexão não somente para aqueles que se dedicam ao estudo da Filosofia academicamente, mas a todo aquele interessado no conhecimento, especialmente nas questões que envolvem a arte e a estética, de acordo com as propostas de Schopenhauer. Portanto, o objetivo geral dessa reflexão é tentar compreender uma parte do pensamento que Arthur Schopenhauer nos apresenta especificamente no campo estético, mais especificamente observado em sua obra *O mundo como vontade e como representação*.

No primeiro capítulo apresentam-se os conceitos do pensamento de Schopenhauer sobre o mundo, podendo ser entendido segundo as duas realidades, a saber: o mundo como representação e como vontade. Estas compõem por sua vez o conjunto da relação sujeito-objeto que se relaciona diretamente com as demais questões da pesquisa, e que reaparecem em outras partes do texto. Contudo, como um primeiro passo, ressaltamos em nossa análise a necessidade, apontada por Schopenhauer, de que o sujeito observe-se a partir do próprio corpo, pois nele manifestam-se tanto a vontade como a representação. Desse modo, o corpo se torna a chave de entendimento como sendo esse uma espécie de microcosmo que reproduz em ambiente menor aquilo que ocorre em escala maior e por vezes inalcançável ao entendimento no macrocosmo – o mundo.

Ainda nos voltamos para o conceito central na filosofia schopenhaueriana: Sobre a Vontade, que deve ser compreendida primeiramente como essência, uma força cega, irracional e eterna, a qual tudo permeia, algo insaciável e em continuo processo de expansão e que, por ser essência, é palavra-chave para a visão do próprio indivíduo sobre si e aquilo que o cerca, ou seja, a própria representação, para que se possa alcançar também a ideia defendida e explicada sobre o mundo como representação.

Tendo o corpo como esse microcosmo onde se manifestam vontade e representação, também se considera a Vontade como chave para essa compreensão ou conhecimento do mundo, em suas mais diversas representações. Deve-se observar que ela é alcançada

imediatamente como um pulso no próprio corpo, e abstratamente/conceitualmente pela reflexão (a essa chamamos de contemplação). Apesar de tantos fenômenos passarem e se extinguírem por completo, a Vontade é praticamente o único a não faltar ao homem e, com isso, quer se falar dos homens que possuem naturalmente ou por força de trabalho condicionado ao longo do tempo de formação humana, esta faculdade reflexiva, essa capacidade de contemplar, ato e estado que possui o poder de conduzir-nos à visão da coisa-em-si.

Sobre a contemplação dedica-se o segundo capítulo tratando brevemente da compreensão do que de fato é a contemplação para Schopenhauer. visa-se demonstrar aquilo que o filósofo considera como central à sua reflexão estética: a Ideia. Consequentemente, para alcançar esse essencial, o sujeito que contempla deve perder-se de si mesmo e como que fora de seu corpo, ainda que tendo consciência de tudo, pode ter acesso, ou seja, em completa dissolução na intuição¹ e no objeto o essencial que buscava. Mas, para que o sujeito chegue de fato à contemplação, precisará passar pelos “umbrais” da contemplação, ou seja, por aquilo que permite de fato lhe fazer entrar no estado de contemplação. Referimo-nos ao Belo (ou ao sentimento de beleza que é um termo também empregado no texto) e ao Sublime (ou sublimidade). O sentimento de beleza é necessário para nos permitir uma suspensão momentaneamente da Vontade, pois ele é o meio facilitador que, expresso no objeto, permite ao sujeito chegar a conhecer a ideia.

Contudo, ele não é o único meio, pois existe algo além do Belo que também pode nos conceder ainda mais facilmente a libertação da Vontade; o Sublime. Trata-se de um estado de elevação, ou seja, o objeto que contém em si essa sublimidade é o mesmo unicamente que pode gerar esse estado de elevação. Essa elevação, retirando o sujeito de súbito da escravidão vil da Vontade, torna-se para ele um alívio, e como a beleza faz parte distintamente, ou ainda que como fase do mesmo processo, é então que, por meio da beleza e da sublimidade, o estado de contemplação estética é eficaz para o conhecimento da Ideia. Por meio dessas duas “portas” o sujeito pode então adentrar na contemplação propriamente dita.

Concebe-se então a contemplação estética como um estado momentâneo daqueles sujeitos que estão buscando o conhecimento do mundo, para o qual ela é indispensável. Essa contemplação estética também se torna um alívio, um refrigerio, uma fonte de paz ante a áspera e incessante cotidianidade da vida regida pela força da Vontade. Sendo essa força algo

¹ Ou seja, destituído de sua individualidade dominada pela Vontade, o ser permanece somente na intuição, completo e inteiro ali. Nada pode tirá-lo do momento único com a intuição, pode-se dizer que estamos falando de uma concentração total e consciente, ainda que breve e passageira.

inelutável, vale ressaltar ainda que a fruição, o prazer e o gozo não são o fim último da contemplação e nem o prêmio dos que contemplam, no entanto, acompanham inseparavelmente tal estado.

No terceiro capítulo encontra-se primeiramente a indicativa sobre os sujeitos capazes ou não de contemplar para que se consiga atingir a participação na obra de arte que é o centro da discussão e ponto ao qual se almeja chegar ao final do capítulo. Ressalta-se, que somente o sujeito destituído de sua individualidade, serva da Vontade, pode objetivamente seguir em pura intuição das Ideias eternas envoltas de beleza na representação pela obra de arte. Mas quem pode ou não chegar a esse estado? Dividem-se então os homens em três tipos segundo uma forma de hierarquia, uma classificação que pode ser encontrada no Livro III de *O mundo como vontade e como representação*. Essa hierarquização mostra-nos como, para Schopenhauer, há um grau inicial no qual está o homem comum, como algo mais baixo, chamado por Schopenhauer de produto de fábrica, como aquele que não pode ou não consegue contemplar de fato, embora tenha a capacidade como todos os homens, entretanto, num grau baixíssimo se comparado aos demais. Em segundo lugar nessa classificação, está o artista que chega à contemplação, e, num grau de excelência, ou seja, mais elevado ainda que o artista encontra-se o gênio que pode contemplar plenamente, pois se diz ainda que apesar de todo gênio ser um artista, nem todo artista chega a ser genial.

Busca-se também destacar o que se pode ter por fruto ou resultado da contemplação e, isso se diz aqui como sendo a obra de arte, pois sendo ela uma manifestação, enquanto fruto desse ato de contemplar, que é colocada em meio à sociedade dos homens comuns e dos raros gênios como uma forma de ir contra a espessa névoa que envolve a vida e que está sempre a nos limitar e impedir de ver a vida como ela realmente é. Chega-se então ao modo como ocorre a participação que se dá pela Ideia durante a contemplação, na qual o sujeito atinge o pleno equilíbrio com o objeto.

Neste trabalho considera-se como sendo a obra de arte, ainda que seja algo passageiro por se tratar de algo que ocorre dentro do estado contemplativo, desse modo o artista ou o gênio, sendo esse sujeito partícipe da obra de arte, pode, com a memória que fica após tal momento passageiro, produzir também outra obra de arte e por tal obra como materialização da Ideia apreendida prazerosamente na contemplação, romper momentaneamente o ciclo vicioso de servidão contínua à Vontade e possibilitar a reflexão de outrem nesse mundo de ilusões.

Portanto, discutir sobre o sujeito como partícipe da obra de arte segundo Arthur Schopenhauer em sua obra *O mundo como vontade e como representação* e mais

especificamente na discussão do Livro III da referida obra é algo que pode como já mencionado e como de fato é uma das intenções primeiras a colaboração humilde para fazer desse trabalho uma peça na continuidade do edifício do conhecimento filosófico, principalmente à luz do pensamento de Schopenhauer dentro da estética.

2 A VISÃO DE MUNDO E O CONCEITO DE CORPO EM SCHOPENHAUER

O mundo² é de fato e primeiramente – na visão de Schopenhauer – Representação, pois não sendo somente objeto e nem somente sujeito, o mundo é *a priori* uma representação dessa relação sujeito-objeto, ou seja, não para demonstrá-la, muito embora o possa fazer, mas aquilo do qual se pode apreender, abstrair ou pensar da referida relação que é consequentemente a forma primária ou por assim dizer “primitiva” de qualquer representação. Aqui se trata do mundo não como algo a ser separado ou distanciado dos conceitos de Vontade e Representação, no entanto, olha-se especificamente para o conceito de mundo como um ponto de partida para também compreendê-lo posteriormente como *um só* com estas duas partes ou teses defendidas por Schopenhauer sobre o mundo, a Representação e a Vontade. Ele está então como um dos pontos fundamentais da filosofia schopenhauriana e primeiramente pode ser visto segundo a própria narrativa da obra de Schopenhauer tendo ele como representação e sempre em relação a outro, pois como representação ele não se basta a si mesmo, existe sempre e necessariamente em relação a outro.

A qual circunstância Schopenhauer relaciona aqui o conceito de mundo? Ele não insere esse conceito num contexto religioso; também não lhe interessam as composições físico-químicas do mundo. [...] O mundo é um objeto para uma consciência, para um sujeito cognoscente, e somente assim ele existe: “o mundo a cercá-lo existe apenas como representação, isto é, tão somente em relação a outrem, aquele que representa, ou seja, ele mesmo”³ (KESTERING, 2015, p.4).

Kestering, citado acima, assinala o conceito de mundo como um “objeto para uma consciência”, ou seja, o homem que, estando no mundo das representações, por ser quem é e pela consciência que possui pode conceber que tudo o que está a lhe circundar está no campo dos fenômenos⁴ e, por conseguinte eles são reconhecidos por ele como tal. Ele, por essa consciência dos fenômenos que o cerca, entende que não é apenas um expectador dos fatos, mas que faz parte, ou seja, é partícipe desse mundo e da própria obra de arte, como será

²Em contexto geral, nesse trabalho, o mundo é tido como esse lugar onde ocorrem todas as experiências fenomênicas, ou seja, experiências com a aparência, fato do qual não se pode fugir, pois não há uma transcendência além dele, há somente o mundo. Assim, ele também é visto como Representação e como Vontade, mas destes aspectos falar-se-á adiante, pois *a priori* busca-se apreender o conceito de mundo para Schopenhauer que, em primeiro momento, o reconhece como representação e como o mundo é objeto de um sujeito, chega à conclusão de que “o mundo é minha representação” frase a partir da qual ele desenvolverá sua argumentação ainda no primeiro inciso do livro I de sua obra *O mundo como Vontade e como Representação*.

³SCHOPENHAUER, 2005, p. 43

⁴Ao utilizar do termo fenômenos queremos nos referir às *aparências*, entretanto, far-se-á a utilização ao longo do texto do mesmo termo fenômeno para denominar o que se entende por *aparência* e isso deve-se apenas a uma escolha para seguir o estilo de linguagem da 1ª edição de tradução para o português da obra *O mundo como Vontade e como Representação* de Schopenhauer segundo Jair Barboza do ano de 2005, utilizada nessa pesquisa.

trabalhado em outro momento deste texto, pois esses fatos que ocorrem ordinariamente são interligados enquanto modo de observar a relação sujeito-objeto.

A visão de mundo na filosofia de Schopenhauer então pode ser tida como sendo o mundo uma representação do próprio homem, único ser dotado da cognoscência, ou seja, da capacidade de apreensão do mundo, e tudo isso só pode fazer consequentemente por ter como instrumento físico um corpo. Desse modo, o corpo desse sujeito que conhece é seu instrumento de experiência pessoal com aquilo que o rodeia (ou seja, com os objetos a serem “conhecidos” nessa relação sujeito-objeto), que serve como o ponto comum ou unificador para todas as experiências com os fenômenos e com o conhecimento em si. Assim, tendo em vista que o homem tem consciência de si, pode, partir da própria realidade corpórea em relação a tudo mais que o cerca, atingir um conhecimento⁵. Como explica Schopenhauer:

“O mundo é minha representação”. Esta é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o homem possa trazê-la à consciência refletida e abstrata. E de fato o faz. Então nele aparece a clarividência filosófica. Torna-se-lhe claro e certo que não conhece sol algum e terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um sol, uma mão que toca uma terra. [...]o que existe para o conhecimento, portanto o mundo inteiro, é \\\ tão-somente objeto em relação ao sujeito, intuição de quem intui, numa palavra, representação. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43).

Schopenhauer, como visto acima, ao falar do mundo, do modo como o homem apreende as representações à sua volta e como enxerga a realidade pela capacidade que tem de fazer uso da clarividência filosófica, posteriormente evidencia sua total credulidade nisso ao dizer que o Mundo é e deve ser visto como representação, isso na medida em que o homem eleva-se para além do aparente e como mencionado nas palavras do filósofo, entende que nesse campo de aparências há apenas “um olho que vê o sol, uma mão que toca uma terra” e para que isso ocorra de fato – um desprendimento das meras aparências – é necessário que ele torne-se sujeito que conhece efetuando de certa forma uma supressão do corpo para se permita a contemplação para além das aparências, no entanto, não irá se tratar aqui por hora de tal supressão do corpo vindo a ser falado nos tópicos em que se siga a falar da contemplação, mas comenta-se pontualmente agora, pois somente assim ele (o sujeito),

⁵Sobre esse termo conhecimento aqui utilizado refiro-me em dois aspectos, no primeiro ao homem que atinge o grau de sujeito puro do conhecimento destituído de Vontade (que será trabalhado mais especificamente nos capítulos seguintes), no segundo aspecto o termo pode ser considerado como uma menção à clarividência filosófica resultado da reflexão do homem, único ser da natureza com capacidade ou propriamente dito com consciência para atitude.

destituído das forças que levam adiante as aparências, poderá chegar a apreender e dar significado de fato a este mundo que também é sua própria representação.

De fato, a busca da significação do mundo que está diante de mim simplesmente como minha representação, ou a transição dele, como mera representação do sujeito que conhece para o que ainda possa ser, além disso, nunca seria encontrada se o investigador, ele mesmo, nada mais fosse senão puro sujeito que conhece (cabeça de anjo alada destituída de corpo) (SCHOPENHAUER, 2005, p. 156).

Nessa busca pela significação do mundo, pode-se ter em conta que ele (o mundo) é o campo de descoberta do homem, sua chance de experimentar a si, ao outro e também de atingir o conhecimento, ou seja, como sujeito puro do conhecimento não somente a fim de “saber” de algo, mas de apreender de fato, e tudo isso só pode fazer por meio de um instrumento físico próprio dele – o corpo. O corpo possui uma importância na filosofia de Schopenhauer, pois se tivermos em conta o mundo como o macrocosmo e podendo ser visto tanto como Vontade quanto Representação, o corpo humano pode ser entendido aqui como um microcosmo a partir do qual poder-se-á entender melhor o próprio macrocosmo do mundo. Como marca Goethe, que é citado por Schopenhauer em sua obra *O mundo como Vontade e como Representação*: “Quem contempla a beleza humana não pode padecer de mal algum. Sente-se em harmonia consigo mesmo e \\ com o mundo”. O conhecimento do corpo, tal e qual o do mundo podem dar-se por duas vertentes, como explicita Soria:

O conhecimento do corpo se caracteriza por um duplo aspecto: ou é dado mediatemente como representação, ou imediatamente (isto é, sem a mediação do entendimento), como vontade. No que concerne ao primeiro aspecto, o corpo é um objeto como outro qualquer, subordinado ao princípio de razão. Seus atos e movimentos são tomados como modificações que ocorrem em qualquer objeto do sentido externo, isto é, como efeito que se liga a uma causa. O corpo assim entendido está submetido às formas da representação. [...] O corpo, considerado como vontade, não pode estar condicionado à relação de causa e efeito, isto é, ser tomado como o efeito de uma causa anterior. Todo ato verdadeiro (*wahre Akt*) da vontade é ação do corpo (*Aktion des Leibes*) e não há entre eles relação de sucessão. Visto que a vontade manifesta-se no ato corporal, a verdade deste é a verdade daquela. (CAROLINA, 2014, p. 64).

Podemos depreender deste excerto como o corpo nos auxilia a intuir a Vontade, uma vez que ela se manifesta, como vontade individuada, nele. Isto nos permite alcançar um conceito de corpo mais específico e que deve ser levado em consideração ao longo da nossa reflexão.

O conceito que o corpo recebe na filosofia de Schopenhauer está inteiramente ligado à sua função, ou seja, tem-se por conceito que o corpo é o meio ou condição necessária para a apreensão da Vontade em primeiro lugar, e isso se dá tanto por ele ser representação (ao falar-se dele como representação por ser um objeto como os demais) como também por ser vontade, uma vez que, qualquer que seja a ação ou o movimento da Vontade, essa se fará necessariamente através de um corpo (*Körper*).

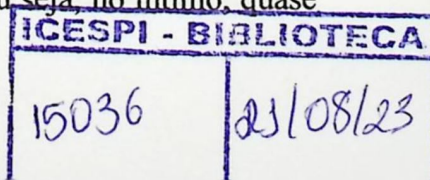
Assim, também sobre o mundo como afirmado aqui anteriormente, sendo este “campo da vida do homem” e servindo sempre a ele somente como um objeto, o corpo se torna também uma condição necessária na busca da significação do mundo por parte do homem, pois toda Vontade tem seu agir em ato ou movimento por um corpo, ou seja, o corpo é para o homem o seu “mundo particular” ou “microcosmo” que reflete sua relação com o mundo de fato como sendo esse “macrocosmo”, a tal ponto que nessa explanação da relação sujeito-objeto pelas duas vertentes citadas, nos dirá Schopenhauer que: “o que existe para o conhecimento, portanto o mundo inteiro é// tão-somente objeto em relação ao sujeito, intuição de quem intui, numa palavra, representação” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43). Esta que será especificamente observada no tópico a seguir dialoga como vimos com ambos os âmbitos da existência humana, ou seja, com o “microcosmo” do homem – o corpo – como também com “macrocosmo” – o mundo.

2.1 O mundo como Representação segundo Schopenhauer

O mundo possui horizontalmente, ou seja, em tudo o que se possa alcançar pela vista, o que se chama de Representação. Trata-se não somente do objeto ou do sujeito, muito embora o mundo seja esse objeto para o sujeito (o homem), mas também se refere mais especificamente como aquilo de que se pode entender desta relação entre os dois, pois, como já mencionado anteriormente, na representação se encontra o compreensível, o palpável ou o mais próximo possível do que se possa conceber acerca dessa relação sujeito-objeto.

Schopenhauer entende, primeiramente, o mundo como representação, aquilo que podemos pensar, compreender desta relação entre sujeito e objeto, entendendo esta relação como a forma primitiva de qualquer representação. (ALMEIDA, 2018, p. 119).

Essa relação pode ser observada como a forma primitiva de qualquer representação e sendo também aquilo que está internamente em cada representação, ou seja, no íntimo, quase



que sendo o seu *em si*, pois tal relação é que será não somente o pano de fundo para os acontecimentos, mas também a marca interna, íntima e permanente de toda representação; esse mundo aparente não é verdadeiro e não se pode demonstrar à clara vista a sua essência, pois se o fizesse não seria mais que a representação. Como afirma Cacciola na citação abaixo, se reconhece novamente a importância do corpo, tendo em vista que nele o intelecto e corpo estão unidos intrinsecamente pelo conhecimento que se proporciona sendo dependente dos interesses.

Assim este mundo visível, embora perfeitamente adequado à ação e sobrevivência humanas, não é o verdadeiro. É um mundo aparente, uma trama superficial urdida pelo sujeito a partir das necessidades de conservação. O conhecimento que proporciona depende do querer-viver e é fundamentalmente interessado. Nele o intelecto está ligado intimamente ao corpo e às suas demandas, porque é produto do corpo, e dele depende. (CACCIOLA, 2014, p. 92)

De fato, o que significa essa Representação aqui mencionada nesse mundo visível de trama superficial? Ela – a representação – é o resultado desse processo contínuo de contato entre sujeito e objeto, afinal não há imagem ou representação sem um sujeito que perceba, não há razão de ser de um objeto na ausência ou inexistência de um sujeito que o apreenda por sua consciência, pois ele – o sujeito – é o sustentáculo do mundo. A Representação aqui então é o conceito que assegura a existência da realidade feita do sujeito-objeto e nasce dessas mesmas duas partes indivisíveis, pois onde termina uma começa a outra, e a Representação é a “ligação” delas.

[...] o mundo a cercá-lo existe apenas como representação, isto é, tão-somente em relação a outrem, aquele que representa, ou seja, ele mesmo. – Se alguma verdade pode ser expressa *a priori*, é essa, pois é uma asserção da forma de toda experiência possível e imaginável, mais universal que qualquer outra, que tempo, espaço e causalidade, pois todas essas já a pressupõem (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43).

Estas duas partes que compõem essa relação mencionada aqui, ou seja, *o sujeito e o objeto* constituem ainda para Schopenhauer o valor real, preciso e indiviso do mundo enquanto representação, conseqüentemente fazendo do sujeito o principal ator deste conjunto, ou seja, como mencionado anteriormente é esse sustentáculo do mundo, mas de seu próprio mundo, pois ainda que haja o mundo (podendo se ter ele mesmo como objeto) e o objeto nele por meio das mais variadas formas, sem o sujeito como ser único a relacionar-se com os

demais fatores, nada se faz, nada acontece e se ele não existisse, o mundo enquanto representação também não existiria, pois como objeto já referido ele perderia até sua razão de ser.

Portanto, o mundo como representação, único aspecto no qual agora o consideramos, possui duas metades essenciais, necessárias e inseparáveis. Uma é o OBJETO, cuja forma é espaço e tempo, e, mediante estes, pluralidade. A outra, entretanto, o sujeito, não se encontra no espaço nem no tempo, pois está inteiro e indiviso em cada ser que representa. Por conseguinte, um único ser que representa, com o objeto, complementa o mundo como representação tão integralmente quanto um milhão deles. Contudo, caso aquele único ser desaparecesse, então o mundo como representação não mais existiria. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 46).

Para apreender essa situação, essa relação sujeito-objeto, o indivíduo conta com o *princípio de razão*⁶ sob o qual nada pode ser se não o for mediante outro. Essas “metades” das quais nos fala Schopenhauer, com seu caráter de inseparabilidade, constituem seus limites uma na outra, ou seja, onde começa o objeto termina o sujeito. O sujeito, apesar de receber grande importância, faz parte no processo e também depende do objeto, ainda que somente o sujeito tenha a capacidade de apreender a si e ao objeto que não possui consciência como o homem. Nisso consiste o próprio conceito de mundo utilizado por Schopenhauer. Mas, especificamente, que conceito seria esse? Não se trata de algo mais complicado, mas apenas de uma parte daquilo que ele afirma ao tratar do mundo como enraizado nessa relação com o sujeito, possuindo como traço característico de sua existência a coexistência imprescindível de suas metades como mencionado.

O filósofo introduz o conceito de mundo numa relação direta com aquele de sujeito, dizendo, conseqüentemente, que o mundo é minha representação. O mundo como representação é caracterizado assim por duas metades imprescindíveis e inseparáveis: o objeto e o sujeito. No centro da atenção de Schopenhauer não encontramos a questão do que o mundo é em si, mas do que ele é para mim (KESTERING, 2015, p.4).

Tendo por ponto de partida o sujeito, a realidade desses limites entre um e outro pode ser abarcada do mesmo modo para ambas as metades, haja vista que são igualmente as

⁶Trata-se de um termo cunhado por Kant a cerca daquilo que acreditava sobre o conhecer que se inicia na experiência, pois para ele o homem precisaria necessariamente trabalhar sua faculdade da Razão, fazendo isto por meio do seguimento de princípios universais. Estes princípios são em especial *a priori* e cada um serve de instrumento para a Razão, pois só podem-se conhecer os fenômenos e não a realidade em si mesma e aquilo que não pode ser concebido nos âmbitos do tempo, espaço e da causalidade, conseqüentemente não pode ser conhecido.

mesmas formas, valendo tanto para o objeto quanto para o sujeito que estão, necessariamente, regidos pelo tempo, espaço e causalidade.

[...] toda representação, tudo que se pode ser pensado, conhecido, só pode ser conhecido graças ao princípio de razão que nos permite captar cada representação sendo estes os princípios *a priori* de tempo, espaço e causalidade, que permitem ao ser humano a compreensão das representações, garantindo assim o conhecimento das relações entre sujeito e objeto (ALMEIDA, 2012, p. 119).

O mundo enquanto representação termina por estar direcionado mais fortemente ao sujeito, como já mencionado anteriormente, pois a partir de sua visão é que se apreenderá o objeto e consequentemente o que tem por relação entre os dois, numa palavra: a Representação. Apesar de outros pensadores, como Descartes, já haverem defendido com essa postura em suas considerações, é com o pensamento de Schopenhauer que ela toma outra dimensão e sustentação própria. Assim, afirma-se que o mundo é representação e está determinado e existindo em favor e para o sujeito: “Tudo o que pertence e pode pertencer ao mundo está inevitavelmente investido desse estar-condicionado pelo sujeito, existindo apenas para este”.

“O mundo é representação.”⁷ Por estar condicionado inevitavelmente a um sujeito e por este possuir por sua vez um corpo, um ponto importante que também é observado por Schopenhauer em sua trajetória sobre o mundo como representação é como se pode observar esse sujeito por intermédio do próprio *corpo* humano, o qual possui as duas mesmas características ou metades do mundo (aspectos, a saber, chamados Vontade e Representação) e que pertencendo a um sujeito (que em primeiro momento é visto como indivíduo). Por compor, por sua vez, o “sustentáculo do mundo”, pode-se então falar do corpo como representação por ser mais um “objeto entre objetos” como explica o próprio Schopenhauer ao dizer que: “[...] se enraíza neste mundo, encontra-se nele como INDIVÍDUO, isto é, seu conhecimento, sustentáculo condicionante do mundo inteiro como representação, [...] Este corpo é para o sujeito que conhece enquanto tal uma representação como qualquer outra, um objeto entre objetos.” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 156) Ou seja, o fato de se vê o corpo como um objeto, exemplifica fatidicamente como se dá o corpo como representação e por analogia pode-se entender também como se dá o mesmo fato ao que diz respeito ao Mundo.

⁷SCHOPENHAUER, A. O mundo como vontade e como representação. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Ed. Unesp, 2005, p. 44

Assim, ainda que este sujeito esteja sob o julgo da Vontade (da qual se tratará no próximo tópico e a qual impede o homem de realizar mais plenamente a abertura de seus olhos para a clarividência filosófica) obtendo essa experiência novamente por meio do corpo como ponto unificador tanto para o mundo como representação aqui anteriormente mencionada como também Vontade a ser mencionado adiante.

2.2 O mundo e o corpo como Vontade na metafísica de Schopenhauer

Ao tratar do mundo como representação no tópico anterior, fez-se necessário compreendê-lo também e observá-lo como Vontade. Essa Vontade⁸ é o ponto fundamental para se apreender o pensamento de Schopenhauer, ela é a essência mais íntima, ou seja, considerando-a como a *coisa-em-si* se reconhece nela então a chave para apreender a relação das representações outrora mencionadas, para apreender o que está como raiz da relação sujeito e objeto e mais ainda, apreender os fenômenos que compõem o mundo e suas manifestações no indivíduo e no ambiente que o cerca. Entretanto, nesse trabalho visa-se entender a Vontade somente nos pontos específicos em que toca a estética, enquanto campo determinado da discussão dessa pesquisa, a saber, o sujeito como partícipe da obra de arte.

Mas, o que pode se entender de fato por Vontade? Trata-se de algo que é entendida como anterior à Representação por ser ontologicamente essência de tudo e, desse modo, conseqüentemente se deve entendê-la como essência também do mundo. A Vontade é algo que pulsa de tal modo que move como força a vida em seu todo, desde os movimentos do corpo com seus órgãos e mesmo o sangue a circular ou agindo sobre a própria consciência como explica Jessé Figueredo, ao dizer que:

Mesmo a consciência, pela qual podemos ter ciência de nós mesmos e de nossos desejos, é aparição da Vontade. Portanto, a Vontade mesma não é consciente, antes, a consciência, que é uma característica do ser humano, é um fenômeno da Vontade. Não por acaso a Vontade é um ímpeto cego, inconsciente e irracional, que se estende aos fenômenos fornecendo-lhes essência e estofo: a representação não é mero vazio, mas imanência da essência do mundo (FIGUEREDO, 2017, p.111).

E essa “essência do mundo” pode ser vista também na ação dos fenômenos naturais ou mesmo no “ser” inerte dos objetos naturais inorgânicos, pois ela é um ímpeto cego, insaciável e eterno, que é parcialmente cognoscível pelo sujeito que pode intuí-la imediatamente por

⁸Ao utilizar-se Vontade com “V” maiúsculo, busca-se aqui diferenciar de vontade com “v” minúsculo, justamente por Vontade ser tratada por Schopenhauer como “a coisa-em-si” de modo que a segunda forma da palavra aqui citada se refere para o pensador como sendo algo individual, já que de certa forma descende da Vontade por objetivação dela mesma, a Vontade.

meio de um ato de perceber-se como um organismo vivo. E, a partir desse olhar para si mesmo, pode se constituir um ato de reflexão, que resulta numa compreensão tendo em vista que no corpo existe esse ponto unificador na metafísica que é apreendido tanto como representação quanto essência (Vontade).

Pode-se dizer que apreender o mundo como representação se torna mais claro quando se entende, por uma continua reflexão, essa proposta schopenhauriana de se considerar o mundo sob esses dois pontos de observação. Talvez pudéssemos utilizar uma metáfora: a representação poderia ser vista como uma “crosta” e a Vontade como o “miolo” algo interno e profundo, que a tudo permeia como algo tão íntimo quanto claro. Como explica o próprio Schopenhauer:

Reconhecerá a mesma vontade como essência mais íntima não apenas dos fenômenos inteiramente semelhantes ao seu, ou seja, homens e animais, porém, a reflexão continuada o levará a reconhecer que também a força que vegeta e palpita na planta, sim, a força que forma o cristal, que gira a agulha magnética para o pólo norte, que irrompe do choque de dois metais heterogêneos, que aparece nas afinidades eletivas de atração e repulsão, [...] tudo isso é diferente apenas no fenômeno, mas conforme sua essência em si é para se reconhecer como aquilo conhecido imediatamente de maneira tão íntima e melhor que qualquer outra coisa e que, ali onde aparece do modo mais nítido, chama-se VONTADE. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 168).

Sobre esses fenômenos citados, deve-se compreendê-los como representação⁹, e tão somente isso, pois de tal forma são eles representação dessa Vontade que se tornam exemplo de onde se pode enxergar claramente a presença e a ação da Vontade. Para ilustrar essa concepção, Schopenhauer vai oferecendo, ao longo do seu texto, exemplos de alguns dos âmbitos que ela (a Vontade) permeia.

A Vontade como chave para esta compreensão ou conhecimento do mundo, do indivíduo e dos fenômenos, é alcançada somente pela *reflexão* que apesar de tantos fenômenos passarem e se extinguirem por completo, pode-se falar que é praticamente o único a não faltar ao homem e, com isso quer-se falar dos homens que possuem naturalmente, ou por força de trabalho, condicionado ao longo do tempo de formação humana (assunto a ser trabalhado mais adiante), esta faculdade reflexiva que possui o poder de conduzir-nos à visão da coisa-em-si (que aqui chamamos somente Vontade). Tal coisa-em-si pode ser mais próxima de compreensão se for considerado o seu fenômeno (ou seja, aquilo que procede dela e ainda chega a ser a coisa mais próxima dela) mais nítido como uma forma de representação dessa

⁹Toda representação, não importa seu tipo, todo OBJETO é FENÔMENO. COISA-EM-SI, entretanto, é apenas a VONTADE (SCHOPENHAUER, 2005, p. 168).

mesma Vontade e com isso chega-se à “Vontade humana”. Contudo, para nosso intento, basta apontar o que Schopenhauer desenvolve de modo mais amplo, uma vez que precisamos desses conceitos para que possamos argumentar a favor da hipótese norteadora do nosso trabalho, e que será explicitada no próximo capítulo. Reforça-nos o filósofo:

Essa COISA-EM-SI (queremos conservar a expressão kantiana como fórmula definitiva), que enquanto tal jamais é objeto, porque todo objeto é apenas seu fenômeno e não ela mesma, se pudesse ser pensada objetivamente, teria de emprestar nome e conceito de um objeto //, de algo dado de certa forma objetivamente, por consequência de um de seus fenômenos, isto é, o mais nítido, o mais desenvolvido, imediatamente iluminado pelo conhecimento: exatamente a VONTADE humana (SCHOPENHAUER, 2005, p. 169).

E tendo em vista que tal vontade humana – como expressei acima – pode ser o objeto que empresta seu nome ao “inominável” que é a Vontade (coisa-em-si), observa-se também que, para se chegar a ela enquanto essa coisa-em-si e essência mais íntima do próprio mundo, se pode valer novamente do corpo que, tendo sido visto outrora como Representação (por ser esse objeto no meio dos demais objetos) também à semelhança do mundo pode ser visto em duplo sentido tanto como Representação quanto Vontade. Desse modo, o corpo se torna o ponto fundamental para a filosofia (e principalmente a metafísica) de Schopenhauer, pois nele estão manifestas, como um ponto comum entre os dois, haja vista ambas as realidades (Vontade e Representação) que são indivisíveis tanto para o mundo quanto para esse corpo, microcosmo que nos auxilia a entender – o mundo – o macrocosmo além dele. Assim como a Vontade mostra-se como “vontade humana” como fenômeno mais nítido ou, por assim dizer, mais próximo dela enquanto essência de tudo, o corpo também manifesta a Vontade ao ponto de enxergarmos nele a “ação”¹⁰ ou manifestação também da Vontade.

Schopenhauer concede um papel de destaque à compreensão do corpo, destaque esse que pode ser reconhecido na própria metafísica de Schopenhauer que é visto no processo de entendimento daquilo que ele chama de Vontade e essa, por sua vez, é a chave para que o próprio homem compreenda-se, e isso só pode ocorrer por meio do corpo, pois no corpo o sujeito pode observar como ele (o corpo) se dá ainda que como uma unidade, de duas maneiras distintas, sendo, como explica Schopenhauer, a chave que o sujeito necessita para o seu próprio enigma, ou seja, para entender o seu próprio fenômeno.

¹⁰ Com esse termo “ação” não se quer falar necessariamente (ou exclusivamente) de um ato da Vontade sobre o corpo, mas de como é visível nele a presença da Vontade, ao ponto consequentemente de que toda ação do corpo também seja movida por essa coisa-em-si que está no íntimo de cada fenômeno e do próprio mundo.

Antes, a palavra do enigma é dada ao sujeito do conhecimento que aparece como indivíduo. Tal palavra se chama VONTADE. Esta, e tão-somente esta, fornece-lhe a chave para seu próprio fenômeno, manifesta-lhe a significação, mostra-lhe a engrenagem interior de seu ser, de seu agir, de seus movimentos. Ao sujeito do conhecimento que entra em cena como indivíduo mediante sua identidade com o corpo, este corpo é dado de duas maneiras completamente diferentes: uma vez como representação na intuição do entendimento, como objeto entre objetos e submetido às leis destes; outra vez de maneira completamente outra, a saber, como aquilo conhecido imediatamente por cada um e indicado pela palavra VONTADE (SCHOPENHAUER, 2005, p. 156).

Desse modo, pode-se afirmar que Schopenhauer por caracterizar o corpo como composto dessas duas realidades distintas, mas inseparáveis, exemplifica também de modo implícito como o corpo em sua metafísica pode ser considerado como esse ponto chave de entendimento do sujeito para com a realidade por ser esse encontro entre Representação e Vontade nele próprio, ainda que sejam âmbitos de realidade complementemente diferentes, o corpo pode então ser chamado de microcosmo suficiente em observação para entender ainda como pode existir o mundo, também enquanto Representação e enquanto Vontade, mas a Vontade é algo intransponível ao ponto de não haver nada que nem se quer faça cessar sua ação sobre o homem (e seu corpo) ainda que momentaneamente? Acredita-se que existe e que isso seja a contemplação, um quietivo da Vontade ainda que momentâneo o qual será analisado na sequência deste texto.

3 A CONTEMPLAÇÃO NA VISÃO DE SCHOPENHAUER

A contemplação ao longo da história da filosofia, recebeu conotações diferentes. De modo geral, pode nos remeter tanto a ligações mentais, que levam a lembrar da cultura oriental, quanto do cristianismo ocidental e sua ascese, mas aqui se busca apreender a contemplação não como definição ou encerramento de um processo, mas no âmbito filosófico como um meio eficaz e especificamente como um *estado transitório, ou meio*, para se alcançar um determinado fim, no caso schopenhaueriano um momentâneo silenciamento da vontade individuada, e que tem na estética, uma “aliada” fundamental.

A contemplação aqui visa o essencial, à Ideia, consequentemente para alcançar esse essencial, o sujeito que contempla deve perder-se de si mesmo e como que “fora de seu corpo”, ainda que tendo consciência de tudo, pode ter acesso, ou seja, *em completa dissolução na intuição*¹¹ e no objeto ao essencial que buscava. Assim, pode-se conceber a contemplação estética como o modo de elevação do homem para além de sua condição natural, diluindo-o ao ponto de extinguir sua individualidade, demonstrando o universal e, com isso, deixando marcas na experiência do indivíduo, quando tal estado passa, fomentando no artista sua criação criativa e no gênio sua obra artística genial. Ou ainda pode ser que a impossibilidade de chegar nesse estado demonstre quem são os homens comuns, incapazes de sequer atingir tal estado.

Essa noção da contemplação estética torna-se então, para aqueles que podem, e conseguem atingi-la, como um alívio, um refrigerio, uma fonte de paz ante a áspera e incessante cotidianidade da vida regida pela força da Vontade, sendo essa força ela própria, pois nas palavras de Schopenhauer é necessário:

[...] como exigido para o conhecimento da Ideia, como pura contemplação, absorver-se na intuição, perder-se no objeto, esquecimento de toda individualidade, supressão do modo de conhecimento que segue o princípio de razão e apreende apenas relações, pelo que simultânea e inseparavelmente a coisa isolada intuída se eleva à Ideia de sua espécie, e o indivíduo que conhece a puro sujeito do conhecer isento de Vontade, ambos, enquanto tais, não mais se encontrando na torrente do tempo e de todas as outras relações. É indiferente se vê o pôr-do-sol de uma prisão ou de um palácio (SCHOPENHAUER, 2005, p. 267).

¹¹ Ou seja, destituído de sua individualidade dominada pela Vontade, o ser permanece somente na intuição, completo e inteiro ali. Nada pode tirá-lo e nem mesmo ele do momento único com a intuição, pode-se dizer que estamos falando de uma concentração total e consciente.

A contemplação enquanto estado em que o indivíduo fica momentaneamente “isento” de toda Vontade, é o único modo pelo qual se pode atingir o conhecimento da Ideia. Assim, para facilitar tal conhecimento, o sujeito conta com algo que, para Schopenhauer, é suficiente para lhe auxiliar a chegar à contemplação: o belo; e, pelo sentimento de beleza que experimenta é-lhe possível chegar até a contemplação. Embora pareça algo aparentemente algo fácil esse perder-se no objeto contemplado, mas o processo é bastante exigente. Para que seja arrebatado da Vontade ao estado contemplativo o sujeito conta também com o sublime, um estado de elevação do sujeito de sua individualidade. Ambas as expressões, a do belo e a do sublime, como forma de manifestação da Vontade, como se tratará adiante, acerca dos meios indispensáveis – cada um ao seu modo contando com uma pequena diferenciação que Schopenhauer faz entre os mesmos – de fazer com que o sujeito chegue ao estado contemplativo.

3.1 A beleza e a sublimidade como modo para se chegar ao estado contemplativo

Para alcançar a “contemplação” ou, ao que se chama aqui de “estado de contemplação”, necessita-se de um fio condutor, um “botão” que, ao apertá-lo, possa despertar-se para tal realidade, e este pode ser o sentimento de beleza, tanto ao despertar-nos com uma bela pintura de Renoir quanto por meio de uma visão de um grande vale, por exemplo, naturalmente repleto de formas, cores e movimentos, pois ao tratar de tal ideia sobre a beleza como esse modo de despertar para a contemplação Schopenhauer afirma que:

Enquanto esse vir-ao-encontro da natureza e a significação e distinção de suas formas mediante as quais nos falam as Ideias nelas individualizadas for o que nos tira do conhecimento das meras relações que servem à vontade, pondo-nos no estado de contemplação estética, para assim nos levar a puro sujeito do conhecer destituído de Vontade, é simplesmente o BELO que age sobre nós, e o sentimento aí despertado é o da beleza (SCHOPENHAUER, 2005, p. 273).

O sentimento de beleza que é despertado em nós é necessariamente o que pode nos levar ao ato da que, por sua vez, também pode nos ser garantida, por assim dizer, tanto de forma exterior, como por meio de algo físico que desperte beleza, quanto de forma interior, pois de fato ela se deve à libertação de nosso conhecimento como submisso da Vontade. É o Belo que nos coloca no estado de contemplação, e deve-se dizer ainda que ela não é só um alívio frente às dificuldades da vida, mas garantia de um meio eficaz e transitório (pois é

passageira) para que se chegue a uma paz desinteressada, sem ambição por nada além do bem que proporciona quando se está nesse estado contemplativo.

O sentimento de beleza é necessário para nos destituir da Vontade, pois ele é o meio facilitador que, existindo no objeto, permite ao sujeito chegar a conhecer a Ideia, mas ele não é o único meio, pois existe algo além do belo que também pode nos conceder ainda mais facilmente a libertação da Vontade, e isso é o sublime. Entre os dois, Schopenhauer faz uma diferenciação:

O que diferencia o sentimento do sublime do sentimento do belo é o seguinte. No belo o puro conhecimento ganhou a preponderância sem luta, pois a beleza do objeto, isto é, a sua índole facilitadora do conhecimento da Ideia, removeu da consciência, sem resistência e, portanto imperceptivelmente, a vontade e o conhecimento das relações que a servem de maneira escrava; o que aí resta é o puro sujeito do conhecimento, sem nenhuma lembrança da vontade. No sublime, ao contrário, aquele estado de puro conhecimento é obtido por um desprender-se consciente e violento das relações do objeto com a vontade conhecidas como desfavoráveis, mediante um livre elevar-se acompanhado de consciência para além da vontade e do conhecimento que a esta se vincula (SCHOPENHAUER, 2005, p. 273-274).

O sublime é um estado de elevação, ou seja, o objeto que contém em si essa sublimidade é o mesmo unicamente que pode gerar esse estado de elevação. Essa elevação, retirando o sujeito de súbito da escravidão vil da Vontade, torna-se para ele um alívio, e a beleza faz parte distintamente, ou ainda que como fase do mesmo processo de modo necessário, pois é então por meio da beleza e da sublimidade que o estado de contemplação estética, do qual se falará mais especificamente adiante, é eficaz para o conhecimento da Ideia, pois, como comenta Martha de Almeida:

Neste contexto beleza e sublimidade surgem como alívio necessário para a condição humana na medida em que possibilitam a contemplação estética que em Schopenhauer possui um caráter especial, por ser ela mesma um momento onde nela ambos se fusionam permitindo que o homem se despeça, ainda que momentaneamente, de si mesmo e experimente o infinito, livre de sua condição espaço temporal. (ALMEIDA, 2012, p. 122)

Esse alívio necessário para a condição humana é entendido, segundo Almeida, como resultado dessa fusão entre a beleza e sublimidade e também consequentemente deve-se elencar aqui o efeito de desprendimento da Vontade por parte do sujeito, pois sendo ela o ímpeto cego e insaciável que é causa também de todos os sofrimentos do homem por meio desse estado de elevação, ou seja, por meio do qual o sujeito, elevando-se para além de sua individualidade regida pela Vontade, pode obter a paz, ainda que momentânea, de suas dores e alcançar, por meio dessa paz, então contemplar a Ideia e dependendo do sujeito que chega

ou não a contemplar. Esse estado de elevação pode ser considerado também como fruto desse fator externo primeiramente enquanto beleza e da disposição interna se considerado a sublimidade no objeto mesmo, sendo desse modo como uma demonstração clara da relação sujeito-objeto por meio do sentimento de beleza despertado ou mesmo da sublimidade como mencionado, mas como ponto mais importante frisa-se que é por meio de ambas, fusionadas (ou não necessariamente) que o sujeito pode atingir a contemplação estética, ou seja, o estado de contemplação do qual se especificará adiante no qual o sujeito está livre e pode nele estar com o essencial.

3.2 O estado de contemplação

Ao chegar ao *estado de contemplação* por meio da beleza e do sublime, como vimos anteriormente, o sujeito vê e experimenta que não há espaço para nada além do que se alcançou ali, ou seja, a paz de estar fora da eterna necessidade (da escravidão do conhecer à Vontade impetuosa e insaciável) e do conhecimento das Ideias contempladas. Arrebatado por esse estado, o sujeito pode objetivamente seguir em pura intuição das Ideias eternas envoltas de beleza na representação pela obra de arte, de tal forma que assim como dito anteriormente, ele pode atingir isso tanto por meio de uma ocasião exterior como por alguma ocasião interior, como explica Schopenhauer:

Uma ocasião externa ou uma disposição interna nos arranca subitamente da torrente sem fim do querer, libertando o conhecimento do serviço escravo da Vontade, e a atenção não é mais direcionada aos motivos do querer, mas, ao contrário, à apreensão das coisas livres de sua relação com a Vontade, [...] então aquela paz, sempre procurada antes pelo caminho do querer, e sempre fugidia, entra em cena de uma só vez por si mesma e tudo está bem conosco (SCHOPENHAUER, 2005, p. 267).

A obra de arte, bem como sua inspiração, é fruto do estado de contemplação. Elas nascem da relação sujeito-objeto, dessa contemplação das *Ideias eternas platônicas*¹² e carrega seu peso (sua importância) adiante, gerando uma forma de transmissão desse conhecimento da Ideia contemplada pelo sujeito. Essa “transmissão” refere-se diretamente à

¹² Schopenhauer, como todos os idealistas alemães, retoma a “Ideia” platônica como modo de explicar aquilo a que o sujeito é alçado quando se coloca nesse estado contemplativo.

obra de arte por meio do artista, e mais altamente ela se dá por meio da produção do gênio, e isso só pode ocorrer quando se alcança o estado de contemplação como já mencionado.

Pode-se dizer que o *artista* ou o *gênio*¹³, são esses seres únicos capazes de conseguir tal forma experimentar (viver) o estado de contemplação, que, ao retornar dele, carregam consigo e manifestam por sua obra aquilo que, deslumbrados, encontraram em meio à quietude e paz. Aliviados e desprendidos de toda desolação da Vontade, eles possuem consigo somente o essencial que tocou nesse raro instante de intimidade longe do mundo, ainda que momentaneamente e sem transcender para algo extra físico, ou seja, metafisicamente fora do mundo.

Desse modo, a arte encontra em qualquer parte o seu objetivo, o seu fim, pois, retirando o objeto contemplado da corrente mundana nesse “instante de paz”, ou seja, na contemplação, ela mantém nítido, num só instante, num só momento particular, aquilo que antes era impossível de ser contemplado no ritmo continuamente incessante do mundo.

A arte [...] encontra em toda parte o seu fim. Pois o objeto de sua contemplação ela o retira da torrente do curso do mundo e o isola diante de si. E este particular, que na torrente fugidia do mundo era uma parte ínfima a desaparecer torna-se um representante do todo, um equivalente no espaço e no tempo do muito infinito. A arte se detém nesse particular. A roda do tempo para. As relações desaparecem. Apenas o essencial, a Ideia, é o objeto da arte (SCHOPENHAUER, 2005, p. 253).

A arte, por dedicar-se a esse “infinito particular” que é o isolamento do objeto de seu lugar no mundo comum retira unicamente, como seu objeto essencial, a Ideia; e essa Ideia contemplada por meio de um artista ou de um gênio, pode ganhar materialização com o desenvolvimento de uma obra de arte.

Contudo, tendo-se em vista esse “estado de contemplação”, quem são então os indivíduos ou sujeitos capazes de contemplar? E quem não possui tal faculdade contemplativa? Sobre tais indagações pretende-se dedicar o capítulo seguinte a fim de relembrar e esclarecer aquilo que o próprio Schopenhauer fala ao citar aqueles que possuem

13 Aqui faz-se necessário esclarecer que existe uma diferença entre o artista e o gênio. Pois todo gênio é um artista, mas nem todo artista é genial, ou seja, são duas categorias distintas para Schopenhauer. O primeiro, o artista, é sempre aquele que alcançou um grau de conhecimento estético e, por conseguinte produzindo a partir do estado de Contemplação destaca-se do homem comum sendo então chamada de “artista”, tendo ele uma facilidade natural ou adquirida com o esforço do treino, enquanto o gênio não necessita de nenhum aparato, pois carrega naturalmente esse “dom” não divino, mas dele próprio e aquilo que lhe venha pelo tempo a cerca de treino e técnica colabora apenas para o seu aperfeiçoamento, de tal forma que se pode dizer que o artista faz a roda, mas é o gênio quem a reinventa quantas vezes ele quiser partindo daquilo que alcança com a Contemplação. Assim, todas as vezes que nessa pesquisa se fala desses dois seres, deve-se levar em conta que o Artista é um ser e o Gênio é outro, distinto e mais elevado que o primeiro.

ou não tal disposição, capacidade para atingir a contemplação e o estado em que isso se dá, ou seja, o estado aqui mencionado, o estado de contemplação para que se possa com maior clareza também entender posteriormente como se dá para tais sujeitos a participação na obra de arte.

4 OS SUJEITOS QUE CONSEGUEM OU NÃO ATINGIR A CONTEMPLAÇÃO

Tendo tratado da contemplação em si e do estado concernido nela, anteriormente mencionado como *Estado de Contemplação*. Faz-se necessário também tratar especificamente de quem contempla, ou seja, daqueles que possuem ou não tal capacidade, pois todos os indivíduos podem possuir a capacidade de conceber nas coisas as suas Ideias, porém nem todos chegam a tal estado. Consequente a isto, também vale tal princípio para que se conceba, a partir da obra de arte com a qual se tem *contato*, os sentidos do belo e do sublime (já mencionados nesta pesquisa, mas que perpassam todos os âmbitos em que se trate da arte). Embora, se saiba que existem indivíduos incapazes de compreensão tendo por objeto de contemplação a obra de arte, o que faz a diferença entre os que conseguem atingir uma satisfação estética ou não é o grau em que tal capacidade de fruição das obras de arte existe em cada um, tanto para o expectador (que contempla) quanto para o artista ou o gênio. Schopenhauer afirma então que todo homem possui em certo grau essa faculdade de, despiando-se da individualidade, chegar a contemplar, como ele mesmo elucida no trecho a seguir, ao dizer que:

[...] mesmo assim, essa capacidade tem de residir em todos os homens, em graus menores e variados, do contrário seriam incapazes de fruir as obras de arte quanto o são de produzi-las. Noutros termos, não teriam absolutamente nenhuma receptividade para o belo e o sublime, sim, tais palavras não teriam sentido algum para eles. Se, portanto, não há homens absolutamente incapazes de satisfação estética, temos de admitir que em todos existe aquela faculdade de conceber nas coisas as suas Ideias, e, em tal conhecimento, de despir-se por um momento da sua personalidade (SCHOPENHAUER, 2005, p. 264-265).

Assim, tratar-se-á mais especificamente de três tipos de indivíduos que podem vir a contemplar. Estes estão numa espécie de hierarquia que permanece implícita nos escritos de Schopenhauer sobre aqueles que contemplam ou não, segundo sua capacidade ou ausência dela, a saber: o *homem comum*, o *artista* e o *gênio*. Nessa capacidade de contemplação, como se observa nas palavras de Goethe, que já mencionamos anteriormente, mas julgamos oportuno recordar neste momento trata-se de “fixar em pensamentos duradouros o que aparece oscilante no fenômeno” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 254), pois uma paz indescritível e o conhecimento da Ideia é aquilo que o artista pode alcançar contemplando, e que o gênio alcança em plenitude também por meio dessa mesma contemplação estética, ou seja, o sujeito livra-se de alguma forma e por certo tempo da massacrante Vontade e os frutos disso podem ser vistos em suas obras, assim como explica o próprio Schopenhauer sobre essa contemplação atingida por aqueles que possuem tal capacidade:

Esse momento de contemplação estética é prazeroso, já que todo indivíduo sente no próprio corpo a necessidade imposta pela Vontade, que nunca cessa de querer, num eterno movimento onde depois de cada desejo satisfeito, deseja-se, ainda, um outro mais. Desta maneira, a contemplação estética pode ser entendida como uma possibilidade de aplacar a dor no homem frente essa eterna insatisfação gerada pela Vontade (ALMEIDA, 2012, p.121-122).

Um dos maiores bens daqueles que experimentam a contemplação estética como essa “possibilidade de aplacar a dor”, como citado acima, é essa paz e gozo prazeroso proporcionado pela fruição, ainda que passageiros, entretanto faz-se necessário dizer que essa paz e prazer não são o único objetivo do contemplador. Tendo em vista que a Ideia é o essencial, alguém em busca de ao menos um instante de alívio do desespero que paira no ar aonde quer que a Vontade permeie como uma rua sem saída, como uma via única de acesso a um precipício, pode encontrar na contemplação – ao passo em que ele também se faz sujeito – um quietivo da vontade de tal modo que a pessoa alcança o que buscava, ou seja, aquilo que era sua aspiração em meio às dores do mundo: o alívio e refrigério ante a fulminante Vontade e a subserviência do mundo a ela. Consequentemente, o sujeito que conhece a Ideia por meio da contemplação pode, segundo seu grau, manifestar artisticamente ou não aquele que apreendeu no estado contemplativo, desse modo, o gênio ganha, nesse trabalho, um papel de destaque por estar em evidência como o sujeito que atinge mais plenamente o estado contemplativo e manifesta tal experiência por sua produção, como se falará adiante, bem como do modo e da razão de como o homem comum não consegue atingir a contemplação.

4.1 O Gênio enquanto sujeito contemplativo

O gênio, aquele sujeito que contempla plenamente as Ideias, pelo menos em comparação ao homem comum e ao Artista, tem maior capacidade para tal conhecimento das Ideias eternas, será sempre insatisfeito com a realidade, inquieto com a vida e tantas vezes submetido a paixões e sentimentos avassaladores, mas, de fato, a que se deve esse sujeito ser considerado gênio? Explica-nos Maria Lúcia Cacciola que o gênio é:

[...] um sujeito puro que se refere a um objeto também “puro”, isto é, destacado quer das cadeias causais das representações intuitivas, quer das cadeias dedutivas das representações abstratas. A este sujeito é atribuída a qualidade de gênio, pelo tipo especial de conhecimento que propicia, através da Ideia estética que realiza a fusão sujeito e objeto, só possível no caso da ausência da mediação pelo princípio de razão. O que marca o gênio é, pois, a possibilidade de desinteressar-se, isto é, de destacar seu conhecimento da multiplicidade de objetos que só existe enquanto ligada entre si e que constitui o teatro das aparências (CACCIOLA, 2014, p. 3).

Por esse tipo especial de conhecimento que possui, ele será sempre incompreendido no meio comum, principalmente ao tratar-se das relações com os homens ordinários, o que

não significa que não tenha encontrado a paz por meio do *estado de contemplação*, mas deve-se dizer que a paz do gênio não se trata de uma anulação de si, como uma espécie de “lobotomia” ao que se refere aos seus instintos e sentimentos, mas refere-se ao grau elevado que atingiu neste mundo, como um ser desprendido que, por mais que tenha sentimentos veementes de raiva ou fortes paixões, não será a isso que se prenderá. Mesmo sendo sua postura incompreendida por outros que não conseguem conceber o mundo como ele, não significa dizer que o gênio, por isso, venha a ser fora da realidade, ele apenas não é lido segundo o “manual de fábrica” do homem comum.

O gênio possui principalmente uma capacidade nata de afastar-se da Vontade e da subserviência a ela. Como sujeito que contempla plenamente; pode, por um tempo, ser o puro sujeito que conhece, longe de si, a salvo do mundo e dos incapazes de compreendê-lo ou fazer a mesma experiência de alcançar a satisfação estética, seja na contemplação de uma obra de arte, seja na contemplação da vida, como elucida Schopenhauer sobre o que consiste de fato a essência do gênio:

A essência do GÊNIO consiste justamente na capacidade preponderante para tal contemplação. [...] a genialidade é a capacidade de proceder de maneira puramente intuitiva, de perder-se na intuição e afastar por inteiro dos olhos o conhecimento que existe originariamente apenas a serviço da \ Vontade – ou seja, de seu interesse, querer e fins –, fazendo assim a personalidade ausentar-se completamente por um tempo, restando apenas o PURO SUJEITO QUE CONHECE, claro olho cósmico (SCHOPENHAUER, 2005, p.254).

Por Schopenhauer coloca o gênio como esse “*claro olho cósmico*”, diz-se então que sua capacidade de conhecimento das Ideias (que são o seu principal objeto) vai muito além apenas do presente, do que se pode ver no presente e das exigências e medidas para servir à Vontade como apenas um indivíduo. Por não ter somente o necessário, o básico, para experiência ordinária do mundo à sua volta, o gênio inquieta-se, ora por não encontrar a plenitude, a satisfação que a contemplação lhe proporciona alcançar temporariamente, mas também por ter um excedente de conhecimento tamanho que se pode considerar como raiz de sua inquietude, pois como fala o próprio Schopenhauer:

“Tal excedente de conhecimento livre torna-se agora sujeito do conhecimento, purificado de Vontade, espelho claro da essência do mundo. – Daí se explica a vivacidade, que beira a inquietude, em indivíduos geniais, na medida em que o presente quase nunca lhes basta, já que não preenche a sua consciência.” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 255)

Assim, também por meio da contemplação da vida, o homem genial busca apreender a Ideia-raiz do que está na sua frente, do que o rodeia, mesmo que o presente não lhe preencha por completo a consciência.

Por isso, o gênio distingue-se evidentemente dos demais seres, não só pela forma de ver o mundo, mas como permite que o conhecimento lhe seja guia e revelador de tudo que toca, sente ou vê. Este modo de viver torna-se estranho ou no mínimo peculiar aos olhos da maioria, haja vista que não é todo dia que nasce uma mente genial no mundo. Com isso, os “produtos de fábrica”, os homens comuns não só assustar-se-ão com o ser genial como tentarão a qualquer custo convencer o ser genial de que contemplar é loucura, esquisitice ou perda de tempo, mas o gênio segue, ainda que com “passos desajeitados”, o seu próprio caminho na vida, como explica Schopenhauer que:

O homem genial, [...] cuja faculdade de conhecimento, pelo seu excedente, furta-se por instantes ao serviço da vontade, detém-se na consideração da vida mesma e em cada coisa à sua frente esforça-se por apreender a Ideia, não as suas relações com as outras coisas. Por isso negligencia frequentemente a consideração do seu próprio caminho na vida, trilhando-o na maior parte das vezes com passos desajeitados (SCHOPENHAUER, 2005, p. 257).

Apesar do desajuste do gênio em relação à massa comum em sua volta, ele, por tal faculdade de conhecimento e por seu excedente deste, também possui uma força extraordinária de viver, fruto do excedente do conhecimento que vai além de qualquer formação de preconceito ou da forte ausência de um ser que igualmente tenha noção de que lhe passa durante o ato de contemplar. Ao viver inquieto por não poder permanecer continuamente na paz do estado de contemplação, o gênio, como único ser capaz de realmente experienciar o que de fato é a contemplação, como sujeito puro do conhecer, necessariamente comunica por meio da arte, a Ideia que só ele pôde intuir e, por ter a capacidade de distinguir-se de si e suspender a individualidade, compartilha, transmite e traduz, por meio de sua visão na obra de arte, o que talvez ninguém mais chegue a apreender, pois a contemplação é a condição necessária para que o gênio comunique na arte a Ideia intuita.

Entretanto, ainda que a Ideia seja transmitida condicionalmente na obra de arte do gênio, nem todos que se proponham à contemplação conseguirão apreender de fato a Ideia raiz com a qual se fazem tais obras, é essa então a grande ou a maior das diferenças entre o ser genial e o homem comum ao tratar-se da contemplação e, dessa forma, constata Schopenhauer sobre a comunicabilidade da Ideia e essa condição de diferença entre os homens que:

Por isso a Ideia não é integral, mas apenas condicionalmente comunicável. Pois a Ideia apreendida e repetida na obra de arte só pode dizer algo a alguém de acordo com a medida do seu próprio valor intelectual. Daí as obras mais excelsas de cada arte, as criações mais nobres do gênio, permanecem para a maioria dos homens como livros eternamente fechados, inacessíveis. Um grande abismo as separa deles, assim como as cercanias do príncipe são inacessíveis ao povo. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 311)

Por esse valor intelectual, que Schopenhauer aponta como condição para que alguém possa, de fato, chegar à Ideia comunicada ou repetida por uma obra de arte, é que ainda podemos falar, brevemente, de uma categoria de sujeitos que estão abaixo do gênio e acima do homem comum. Estes são os artistas, pois sendo as mais excelsas obras de arte produzidas pelos gênios inacessíveis aos homens ordinários, os artistas chegam, ainda que não plenamente como um gênio, a apreender, até certo ponto, aquela ideia manifesta na obra e podem, ainda, dependendo de seu nível, reproduzir tecnicamente ou por livre inspiração daquilo contemplado, outra obra de arte. Neste trabalho, entretanto, visa-se observar com maior destaque a figura do gênio como esse sujeito pleno, ou seja, como figura máxima na estética e também o homem comum, como esse extremo negativo do grau de baixaza ou da impossibilidade de acesso à contemplação e ao que se segue com ela.

4.2 O homem comum como sujeito incapaz de contemplar

Tendo-se falado do gênio enquanto sujeito que contempla plenamente, e do artista como uma forma de uma categoria de sujeito abaixo do gênio, mas que também chega a contemplar, chega-se agora ao que se pode considerar como o mais baixo grau, que é chamado de homem ordinário, ou seja, o homem comum. Trata-se do indivíduo facilmente pode ser encontrado em qualquer canto. Ele está confortavelmente habituado à vida, crendo que se deve apreendê-la pura e simplesmente como a vê à sua frente, uma sucessão de fatos e necessidades de tal forma que não há porque se questionar sobre ela, tampouco há que se preocupar com qualquer arte, pois existem necessidades mais urgentes. Por incapacidade de, por meio da contemplação, o homem comum alcançar as Ideias eternas, ele também, por conseguinte, não conseguindo valer-se da contemplação com seu tempo necessário e sua concentração visando somente ao essencial, busca mais rapidamente, por meio de tudo o que está ao seu redor, fazer ou pensar as relações de necessidades totalmente instigadas pela Vontade, ou seja, ele não possui a capacidade de permanecer minimamente na contemplação, na “simples intuição” como explica o próprio Schopenhauer, ao dizer que:

Assim, o homem comum não permanece por muito tempo na simples intuição, por conseguinte não prende o seu olhar por muito tempo ao objeto, mas em tudo que se oferece a ele, procura rapidamente o conceito sob o qual possa subsumi-lo – como o preguiçoso busca uma cadeira – e depois nada mais o interessa. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 256)

Uma vez que “o homem comum não permanece por muito tempo na simples intuição”, pode-se imaginar que ele até possa chegar à contemplação, mas que ali não permanece. No, entanto, por essa incapacidade de permanecer na contemplação, deve-se dizer que ele não

chega de fato a contemplar, como ocorre com o Gênio e com o Artista; pode-se dizer também que Schopenhauer esteja assinalando que todos os homens possuem a capacidade de alcançar a contemplação, ainda que não permaneçam nela, mas o que de fato Schopenhauer deixa transparecer e o que nos interessa aqui é o modo como considera o homem comum como a prova de que nem todos podem contemplar de fato¹⁴, embora existam diferentes graus dentre os que podem ou não alcançar a contemplação.

Assim, pode-se basicamente falar aqui da existência de uma “hierarquia” (que aparece implícita) que Schopenhauer faz dos homens, como sendo composta pelos *Homens comuns* que vivem num grau baixíssimo ou quase nulo da capacidade de apreensão das ideias até mesmo quando já estão manifestas nas artes, ou seja, do ato de contemplar de fato; depois o Artista, como esse que atingindo um grau mais elevado pode produzir e manifestar o que alcançou pela contemplação na Arte e sobre o qual não nos deteremos nessa pesquisa; e, por fim, o Gênio como aquele que possui naturalmente a facilidade necessária para contemplar e desse modo apreender a totalidade da Ideia e manifestá-la, ainda que se possa fazer uma ressalva sobre o papel principal do Gênio no pensamento de Schopenhauer, como assinala Almeida ao dizer que:

Por mais que Schopenhauer apresente o gênio, como um representante dessa facilidade que é a captação das ideias através do rompimento das malhas individuais, o filósofo acredita que todos os homens possuem essa capacidade em diferentes graus, argumentando que se estes não a tivessem, eles seriam completamente insensíveis a tudo que é belo e sublime. (ALMEIDA, 2012, p. 122)

Apesar do que propõe Martha de Almeida, ressalta-se aqui a desconsideração tantas vezes feita pelo homem comum acerca da arte como algo consideravelmente desnecessário ou de mínima importância. Existe ainda a possibilidade de que haja, em certo ponto, um respeito temeroso para com as grandes obras produzidas por gênios da humanidade por parte dos que não compreendem em si a Ideia ou sua comunicação. Talvez isso ocorra por certo constrangimento diante de sua incapacidade de fazer igual ou melhor que o gênio, talvez pelo reconhecimento ou fama que esse gênio possa ter alcançado. Assim, estas, entre outras coisas, que não nos cabem nesse trabalho mencionar, fazem com que o homem ordinário mantenha a compostura ao menos temporariamente, pois é inegável que está frente a algo maior do que si mesmo e isto pode tanto lhe auxiliar a refletir quanto pode também apenas submetê-lo, deixando-o então numa situação em que se encontra desarmado por sua própria incapacidade

¹⁴ Esse “contemplar de fato” é atingir a totalidade ou os objetivos da contemplação, permanecendo no estado contemplativo, ou seja, como já visto antes, algo que só pode ser alcançado plenamente pela facilidade do Gênio e um grau abaixo pelo Artista, mas não pelo homem comum.

em comparação ao artista ou ao gênio. É sobre esse aspecto comportamental que Schopenhauer fala acerca do homem comum, pois em suas próprias palavras:

Às vezes também os mais limitados reconhecem as grandes obras pela autoridade de outrem, para desse jeito esconderem sua fraqueza. Contudo, em silêncio, estão sempre preparados para emitir o seu juízo de condenação sobre elas, tão logo surja a oportunidade para fazê-lo sem risco de se exporem, com o que o seu antigo ódio represado contra tudo o que é grandioso e belo, e contra os seus autores que os humilharam e desencorajaram, vem à tona alegremente. Pois para reconhecer e admitir espontaneamente o valor alheio, tem-se em geral de possuir \ valor próprio (SCHOPENHAUER, 2005, p 311).

Por essa necessidade de valor próprio para reconhecer o do outro, como argumenta Schopenhauer, pode-se dizer que esse “valor” também pode ser considerado como a capacidade de cada um e, dessa forma, o homem comum é naturalmente incapaz de contemplar de fato por não ter tal capacidade (valor próprio). Ele é incapaz não somente por sua visão estreita sobre a vida, como sendo uma burocrática e processual forma emaranhada de relações, motivos e necessidades a serem saciadas. O homem comum, por sua adesão interessada na frágil e fugaz facilidade de permanecer na superfície da existência, com suas “urgências” e “coisas mais importantes com as quais se preocupar”, sendo que tais coisas constituem a fuga do essencial que impõe dificuldades e complicações. Contudo, por ser muito simples, e, nessa simplicidade exige um despojar-se de si, ato árduo a todos os homens e muito mais difícil ao homem comum por sua inclinação preguiçosa à viciosa busca pelo saciar das infundáveis necessidades em relação à Vontade, como pontua Schopenhauer sobre incapacidade de contemplação propriamente dita por parte do homem comum.

O homem comum, esse produto de fábrica da natureza, que ela produz aos milhares todos os dias, é, como dito, completamente incapaz de contemplação propriamente dita. Ele só pode direcionar a sua atenção para as coisas na medida em que estas possuem alguma \ relação, por mais indireta que seja, com a sua vontade. (SCHOPENHAUER, 2005, p.256)

Portanto, o homem comum, considerando-o como parte mais baixa da hierarquia de sujeitos que possam vir a contemplar, tem uma incapacidade natural –como acentua Schopenhauer– de atingir a contemplação propriamente dita, ou seja, ele não consegue ir adiante de sua individualidade, tampouco ele consegue alcançar o grau estético do artista ou ainda do próprio gênio, mas então por que está como algum dos que podem contemplar? Porque, como visto anteriormente, todo indivíduo possui em certo grau uma capacidade de chegar a contemplar, no entanto, alguns como é o caso do homem comum, possui tal capacidade num grau baixíssimo e as demais realidades de sua existência também colaboram para que seja impedido de contemplar, portanto, caracterizando o que se pode entender como

sendo esse homem comum que por estar em abundância no mercado faz ainda mais especial a raridade dos gênios e a produção dos bons artistas para além do meio comercial tão comum atualmente, de modo que se vislumbre aquilo que se entende como fruto ou resultado da contemplação dos sujeitos puros que é a Arte manifesta em obras.

4.3 A obra de arte como fruto da contemplação do sujeito

Tendo visto o que é a contemplação, o estado no qual se permanece por tal ato e quem são os que contemplam ou não, faz-se necessário pontuar agora sobre o “fruto” ou “resultado” dessa contemplação, especificamente tratado aqui como sendo a obra de arte, sem necessidade da especificidade acerca de quem a produz ou reproduz, embora essa obra de arte só possa ser gestada e manifesta a partir de uma mente pertencente a um sujeito capaz de alcançar a Ideia e comunicá-la por seu feito artístico. Esse alcance se dá pela contemplação que, como visto antes, é o momento em que o sujeito destituído de Vontade pode estar em pleno equilíbrio com a Ideia intuída em tal estado. Esse sujeito entende-se como sendo o gênio¹⁵ ou alguém que, auxiliado, venha a chegar ao estado de puro sujeito que conhece, ainda que brevemente, e, por conseguinte, venha a produzir uma obra no campo das artes. Entretanto, trata-se aqui somente do ser genial que, como já explicitamos anteriormente, em outros tópicos deste trabalho, é a figura primordialmente eleita no que diz respeito à contemplação e à comunicação pela genialidade em obras de arte, haja vista que o gênio comunica na obra de arte aquilo que traz de memória do momento contemplativo, como elucida Martha de Almeida ao falar da produção artística do gênio, pois segundo ela:

[...] somente depois de romper com a própria individualidade é que o sujeito, como puro sujeito que conhece, deixa de ser um sujeito, tornando-se capaz de contemplar as essências, ou seja, as ideias, e de produzir arte a partir da contemplação. Neste sentido, a memória desta momentânea contemplação é responsável pelas manifestações artísticas que tem lugar no mundo do ponto de vista da representação. (ALMEIDA, 2012, p. 122)

Desse modo, o gênio possui a capacidade mais aguçada de concretização da comunicação da Ideia puramente contemplada, e isso ocorre por meio da posterior memória dessa contemplação breve que resulta na obra de arte; vê-se também que por meio da obra de

¹⁵ Aqui o Gênio ganha uma conotação ligada ao termo “Artista” ainda que sendo sujeitos diferentes com características específicas e também diversas um do outro, essa proximidade no texto se dá somente pela visão popular que tem de quem produz arte deve ser chamado “artista”, ao passo que se respeita a distinção de categorias teórica estabelecida anteriormente no texto sobre quem é o Gênio e o Artista. O Gênio é escolhido aqui por ser o exemplo concreto e mais claro do alcance perfeito da Ideia intuída no estado de sujeito puro na contemplação, relembrando-se ainda que nem todo Artista consiga ser genial, mas todo Gênio é um artista ou tem em si a essência do ser Artista e algo mais – a genialidade – o que lhe faz ser o que é, ou seja, um Gênio.

arte deslumbram-se os olhos humanos com o resultado, não final ou resumido, mas autêntico enquanto amostra da contemplação, experienciada pelo gênio, que a comunica em sua produção artística, tornando mais fácil a apreensão da Ideia por meio da obra de arte, como elucida Schopenhauer ao dizer:

Que a Ideia se nos apresente mais facilmente a partir da obra de arte do que imediatamente a partir da natureza ou da efetividade, isto se deve ao fato de o artista, \ que conhecem só a Ideia e não mais a efetividade, também ter reproduzido puramente em sua obra a Ideia. [...] O artista nos permite olhar para o mundo mediante os seus olhos. Que ele possua tais olhos a desvelar-lhe o essencial das coisas, independentemente de suas relações, eis aí precisamente o dom do gênio, o que lhe é inato (SCHOPENHAUER, 2005, p 265).

Por olhar o mundo mediante os olhos que nos são emprestados pelo artista, como explica Schopenhauer, é que se entende a obra de arte como a manifestação, como fruto desse ato de contemplar, que é colocada no meio da sociedade dos homens comuns e dos raros gênios como uma forma de ir contra a espessa névoa que envolve a vida e que está sempre a nos limitar e impedir de ver a vida como ela realmente é, ou seja, para além da servidão à Vontade e sua roda de infundáveis relações, motivos e necessidades.

O artista, então, por sua obra como materialização da Ideia apreendida prazerosamente na contemplação, rompe o ciclo vicioso da Vontade e possibilita a reflexão para os demais sujeitos que tenham contato com tais obras e que possuam capacidade para tal ato, qual seja o ato de contemplar partindo de um objeto de arte, no mundo das representações. Aqui aparece, pela primeira vez, o que se pode chamar de possibilidade de “participação” na obra de arte, pois, tendo-se em conta a obra de arte como um meio de facilitação do conhecimento da Ideia, ela (a obra de arte) como produção do gênio comunica aos outros a Ideia apreendida na contemplação (e permite a mencionada participação da qual se falará mais especificamente adiante), pois como explica Schopenhauer:

O gênio possui tão-somente um grau mais elevado e uma duração mais prolongada daquele modo de conhecimento, o que lhe permite conservar a clareza de consciência exigida para reproduzir numa obra intencional o assim conhecido, reprodução esta que é a obra de arte. Por tal obra o gênio comunica aos outros a Ideia apreendida, a qual, portanto, permanece imutável, a mesma. [...] A obra de arte é simplesmente um meio de facilitação do conhecimento de Ideia, no qual repousa aquela satisfação (SCHOPENHAUER, 2005, p. 265).

A obra de arte sendo esse meio facilitador como citado acima possibilita consequentemente ao sujeito que chega à contemplação a satisfação que nela repousa, mas essa satisfação não é a coisa mais importante, ou seja, o fim não é apenas a fruição, pode-se observar, pelo percurso feito até aqui, e que nos permitiu compreender, que o mundo dominado pela Vontade pode encontrar uma saída para o sujeito a partir da observação até do

próprio corpo como um microcosmo (reflexo em miniatura do mundo em que vive – sendo esse o macrocosmo), capaz de ver nele a manifestação dupla, tanto da Vontade quanto da representação, e pode, por meio da contemplação, encontrar a saída para tal situação, ainda que seja momentaneamente, mas para se chegar à contemplação propriamente dita, o sujeito não depende somente de sua capacidade natural. Entretanto, precisa tocar a contemplação por meio de algo, que deve ser capaz de despertar esse estado no sujeito. Isto, como vimos, se deve ao sentimento de beleza e ao sublime, desse modo, o sujeito¹⁶ tendo alcançado de fato a contemplação pura e desinteressada e é precisamente nesse estado de contemplação em que se dará a participação do sujeito na obra de arte que é a questão central sobre a qual essa pesquisa norteou-se e que será trabalhada especificamente a seguir.

4.4 A participação do Sujeito na obra de Arte

Faz-se necessário agora voltarmos para o modo como Schopenhauer entende a Arte. Sua concepção acerca da Arte baseia-se na conceituação da mesma como sendo o conhecimento da Ideia intuída, e o seu objetivo é a comunicação de tal conhecimento, pois, segundo ele, a Arte “repete as Ideias eternas apreendidas por pura contemplação, o essencial e permanente dos fenômenos do mundo” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 253). Essa comunicação, por repetir as Ideias eternas, se dá por meio da obra do gênio— a obra de arte— na qual o sujeito pode chegar a participar. Essa participação é, de fato, o resultado do processo mencionado nos tópicos anteriores e consiste exatamente no equilíbrio entre sujeito e objeto¹⁷ (no caso equilíbrio entre o sujeito e obra de arte) que só pode ocorrer por meio da contemplação enquanto estado já mencionado anteriormente, e possui reflexos posteriores também por se tratar de experiência do sujeito com o objeto.

Recordando aqui como a contemplação refere-se diretamente às Ideias e como o sujeito do puro conhecer destituído de toda Vontade está diretamente voltado à apreensão da Ideia como raiz de qualquer coisa que ele observe nesse mundo de aparências, pode-se entender que, sendo a contemplação o lugar ou estado onde pode de fato ocorrer a

¹⁶ Quem seria tal sujeito capaz de Contemplar de fato? Como visto anteriormente pode-se pensar em três tipos de sujeitos, ou seja, o homem comum sujeito que têm longinquamente e em pequena escala a capacidade de contemplar, o que lhe nega a capacidade de chegar de fato à contemplação; fala-se aqui também do artista capaz de alcançar a contemplação e um pouco mais capaz do que o artista de permanecer no estado contemplativo está o gênio, portanto, ao nos referirmos aqui sobre esse sujeito que contempla estamos falando somente do artista ou do gênio e nesse trabalho mais especificamente estamos nos referindo ao gênio enquanto tal sujeito mencionado nessa parte do texto.

¹⁷ Com o termo objeto queremos nos referir aqui especificamente à obra de arte como esse “objeto” com o qual o sujeito se relaciona e do qual o mesmo chega a se tornar partícipe.

participação do sujeito na obra de arte, existe um ponto dentro desse estado contemplativo no qual o indivíduo que conhece pode elevar-se a sujeito puro do conhecer, que é o unificador por excelência dessas duas realidades que se encontram na contemplação. Voltamos novamente à Ideia, pois, necessariamente, nela sujeito e obra de arte encontram igualmente uma mesma compreensão, ou seja, estão de maneira igual e encontram então o equilíbrio, como explica Schopenhauer ao dizer que:

Tão-somente quando, [...] o indivíduo que conhece se eleva a puro sujeito do conhecer e precisamente por aí o objeto considerado se eleva a Ideia é que o MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO aparece pura e inteiramente, ocorrendo a objetivação perfeita da Vontade, uma vez que só a Ideia é a sua OBJETIVIDADE ADEQUADA. Esta compreende em si objeto e sujeito de maneira igual: eles são a // sua única forma. Na Ideia, sujeito e objeto mantêm pleno equilíbrio. Ora, como também aqui o objeto nada é senão representação do sujeito, do mesmo modo o sujeito, ao abandonar-se totalmente no objeto intuído, torna-se esse objeto mesmo, visto que toda a consciência nada mais é senão a sua imagem nítida (SCHOPENHAUER, 2005, p. 247).

É aqui que o termo “participação” ganha seu significado, mesmo que Schopenhauer não faça o uso do mesmo em seus textos. Para nós, esse termo significa “tornar-se esse objeto mesmo”, como propõe Schopenhauer, pois quando o indivíduo destitui-se pelo conhecimento de sua individualidade e torna-se esse puro sujeito do conhecer e por meio da contemplação atinge a Ideia e nela por sua vez encontra o equilíbrio com a obra de arte, e a tal ponto pode chegar seu “abandonar-se nesse objeto intuído” que ele “torna-se esse objeto mesmo” é então que ele participa desse objeto. Contudo, o sujeito só consegue se tornar partícipe desse objeto intuído mediante o seguimento do percurso anteriormente mencionado nesse trabalho. Para que o sujeito possa chegar à Ideia em que ocorre, de fato, a participação no objeto, momento este que é retratado por Schopenhauer como esse “abandonar-se totalmente no objeto intuído”, é que se reitera aqui que a participação do sujeito na obra de arte efetua-se na Ideia que, por sua vez, está inserida no estado contemplativo ao ponto de considerar-se, de fato, que é por meio da contemplação que o sujeito chega à participação na obra de arte.

[...] quando, conforme uma significativa expressão alemã, a gente se PERDE por completo nesse objeto, isto é, esquece o próprio indivíduo, o próprio querer, e permanece apenas como claro espelho do objeto – então é como se apenas o objeto ali existisse, sem alguém que o percebesse, e não se pode mais separar quem intui da intuição, mas ambos se tornaram unos, na medida em que toda a consciência é integralmente preenchida e assaltada por uma única imagem intuitiva (SCHOPENHAUER, 2005, p. 246).

O sujeito como partícipe da obra de arte é, portanto, esse que “se PERDE por completo nesse objeto” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 246) como citado acima e, dessa forma, atingiu esse equilíbrio com o objeto mencionado aqui e conseguiu ainda intuir que

pode entender e receber a Ideia comunicada por meio da obra de arte estando ele mesmo imerso junto a Ideia nessa obra de arte. Por essa participação estar no âmbito da experiência física (e experiência corpórea), sem que se considere nada transcendental, místico, fora da materialidade do mundo, a mesma memória do estado contemplativo que serve para a materialização na arte por meio daquilo que o sujeito experimentou momentaneamente serve também para se afirmar que a participação vai além do momento contemplativo passageiro. De todo modo, essa participação plena e prazerosa do sujeito na obra de arte pelo equilíbrio na Ideia, permanece no ser do sujeito por essa memória experiencial e que poderá ser compartilhada com os demais sujeitos que não tiveram a mesma experiência. Dessa forma, o sujeito também ajuda a outros que possuam o grau de capacidade necessária à contemplação, o sujeito como partícipe da obra de arte é esse também que servindo por sua própria experiência pode auxiliar outros também a conhecer e fazer uma experiência pessoal com a Ideia na contemplação da arte por meio de uma obra específica.

O artista, ou melhor, o Gênio, ao facilitar o acesso de todos à intuição de uma Ideia, nada mais é do que um servidor dos demais seres humanos. Mas acima de tudo não devemos esquecer que o pressuposto indispensável para o conhecimento puro do sujeito, ou seja, para ser puro sujeito do conhecimento, é a interrupção de todas as exigências da vontade individual (KESTERING, 2015, p. 20).

Assim, a participação do sujeito na obra de arte é o ponto mais íntimo do estado de contemplação, pois, para ser esse sujeito, ele deve estar destituído de sua individualidade. Nisto, se encontra o indispensável para que um indivíduo chegue a ser um sujeito puro do conhecimento e, conseqüentemente, se estiver na contemplação acerca de uma obra de arte chegando à Ideia, por já ser desprovido da servidão às “exigências da vontade individual”, poderá ter participação na obra de arte (como sendo o objeto da relação) pelo equilíbrio que encontra com ela na Ideia.

Não se quis aqui mencionar ou especificar uma forma da materialização artística, pois a participação é válida para todas as manifestações artísticas passíveis de contemplação estejam elas englobadas na hierarquia de belas artes feita por Schopenhauer ou não, haja vista que, ao longo dos tempos, muitos outros estilos, movimentos e denominações artísticas surgiram desde que Schopenhauer pensou e escreveu sua metafísica do Belo, o que não impede também de fazer a atualização ou análise desse pensamento mediante alguma manifestação artística da atualidade. Neste trabalho de pesquisa, visou-se especificamente observar como o sujeito pode tornar-se partícipe e como se dá de fato essa participação na obra de arte.

O sujeito como partícipe da obra de arte então é todo sujeito que possua o grau de capacidade necessária para, destituindo-se da vontade e da individualidade, atingir, por meio dos umbrais da beleza ou da sublimidade, a contemplação e, por sua vez, nesse estado contemplativo, unir-se ao objeto na Ideia com um equilíbrio pleno entre os dois, a isso então se dá o nome de Participação, consequentemente, o sujeito partícipe da obra de arte, entendido aqui como sendo o gênio, pode pelo que fica da contemplação (que é a memória desse estado momentâneo), chegar também a auxiliar outros sujeitos por meio de sua produção artística genial, proporcionando assim a outros também que tenham o grau de capacidade necessária à contemplação chegarem à participação na obra de arte, vê-se aqui algo semelhante a um círculo processual ou a uma cadeia que no fim vai sempre recomeçar.

Mas, como visto no percurso deste trabalho, o modo como o sujeito chega à participação na obra de arte é algo que pode passar muito facilmente despercebido, por constar como algo frágil que ocorre no íntimo de um momento de contemplação e pode ainda mais passar como não visto se considerar principalmente o sujeito que se encontra dentro da atualidade onde tudo gira em torno de prover a saciedade rápida da Vontade, seja pelo sistema econômico, político ou social que coloca em patamar inferior, beirando à inutilidade a arte, os artistas e os gênios, dessa forma, essa participação que esse trabalho se propôs dedicar-se pode proporcionar tantos efeitos positivos no meio social por meio do desenvolvimento da arte, mas que passa como um fato irrelevante, quis-se, portanto, nesse trabalho elucidar a existência de tal participação possível do sujeito na obra de arte, o que pode lhe fazer também um extensor de sua experiência por meio da materialização através de uma outra obra de arte, o que colabora para uma cultura artística na sociedade atual, mantendo-se como partícipe por sua memória do fato e colaborando para que outros sujeitos capazes venham a fazer sua própria experiência pessoal com a arte.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o percurso do presente trabalho, onde se viu, em primeiro momento, o que se pode entender como sendo *a visão de mundo e o conceito de corpo segundo Schopenhauer*, na qual o mundo é esse campo onde o homem se encontra e o corpo deve ser visto como o microcosmo do homem. Por meio da observação e entendimento desse próprio corpo, o homem pode entender o macrocosmo, entendido aqui como sendo o mundo. Ainda no primeiro capítulo buscou-se entender como o mundo pode ser entendido, segundo Schopenhauer, tanto como Vontade quanto como Representação e o que se entende por cada uma, sendo a Vontade um ímpeto cego e infindável que tudo permeia, e a representação que tem como raiz ou forma matriz de qualquer manifestação dela a relação sujeito-objeto de tal modo que se entende a própria representação como o resultado desse processo contínuo de contato entre sujeito e objeto, pois não há imagem ou representação sem um sujeito que a perceba por sua consciência e como não existe consciência sem corpo, o corpo novamente é chave de entendimento, pois nele coexistem ambas as realidades, tanto a vontade quanto a representação.

Por fim, para que o homem possa chegar a participar da obra de arte ele deve primeiro, destituindo-se de toda vontade e individualidade, ser o sujeito puro do conhecimento e, portanto, ele precisa alcançar a contemplação e, como meio eficaz para tal fim, ele vale-se do belo e do sublime. Pergunta-se então nesse trabalho acerca de quem são os sujeitos capazes ou não de contemplar, ao passo que se pode observar que existe, ainda que não explicitamente, certa forma de hierarquia entre os sujeitos que podem ou não contemplar, buscando-se falar então do gênio como primeiro e mais elevado sujeito, o único capaz de contemplar plenamente, depois do artista sobre o qual o texto não se detém, mas o caracteriza, como sendo um passo abaixo que o gênio e largamente acima do homem comum que, por sua vez é tido por Schopenhauer como um produto de fábrica encontrado aos milhares que, por seu baixo grau de facilidade para contemplar, não possui então a capacidade de contemplação de fato, ação necessária para que o sujeito possa chegar de fato ao ponto principal dessa pesquisa – a participação – entendendo-se que é nesse estado de contemplação que esse sujeito entra em equilíbrio com o objeto na Ideia, ou seja, de forma que na Ideia ele possa participar do objeto que nessa pesquisa buscou-se identificar como sendo a obra de arte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Martha de. Beleza e Sublimidade: O papel da Arte no pensamento de Schopenhauer. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05/Martha-de-Almeida-Beleza-e-sublimidade-o-papel-da-arte-no-pensamento-de-Arthur-Schopenhauer.pdf>> Acesso em: 12, Set, 2019.

CACCIOLA, Maria Lucia. A contemplação estética: Schopenhauer e Mondrian. *Dois pontos*, Curitiba, vol. 11, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/34592>> Acesso em: 20, Out, 2019.

CAROLINA, Ana. Entre verdade e ilusão: corpo e mundo em Arthur Schopenhauer. *Cadernos de Filosofia alemã*, São Paulo, n. 19, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64854>>. Acesso em: 08, Out, 2019.

FIGUEREDO, Jessé Willian. *Contemplação estética e libertação do sofrimento em Schopenhauer*. Revista Filogênese – Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP: v.10. São Paulo, 2017.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como Vontade e como Representação*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. *Metafísica do belo*. Tradução, apresentação e notas de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SOARES, Daniel Quaresma Figueira. *A função do corpo na Filosofia de Schopenhauer: Conhecimento, Metafísica e o problema da Coisa-em-si*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

KESTERING, Julio Cesar. Schopenhauer: A arte como conhecimento de exceção. *Revista Lampejo*, Fortaleza, n. 7, 2015. Disponível em <http://revistalampejo.apoenafilosofia.org/?page_id=712>. Acesso em: 8, Novembro, 2019.